

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Faculdade de Comunicação Social  
Graduação de Jornalismo

**Júlia de Oliveira Sales**  
**Juliana Dias Gomes**

**Serjack.doc: canto de um sujeito ensimesmado**

Juiz de Fora  
2017

**Júlia de Oliveira Sales**  
**Juliana Dias Gomes**

**Serjack.doc: canto de um sujeito ensimesmado**

Memorial descritivo apresentado ao curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Cristiano José Rodrigues

Coorientador: Wendell Guiducci de Oliveira

Juiz de Fora

2017

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária da UFJF  
com os dados fornecidos pelo autor.

Sales, Júlia de Oliveira.

Serjack.doc : canto de um sujeito ensimesmado / Júlia de Oliveira  
Sales, Juliana Dias Gomes. – 2017.

43 f. ; il.

Orientador: Cristiano José Rodrigues

Coorientador: Wendell Guiducci de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade  
Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2017.

1. Serginho do Rock. 2. Documentário - Leopoldina. 3. Memória -  
Leopoldina. 4. Hipermídia. I. Gomes, Juliana Dias. II. Rodrigues,  
Cristiano José, orient. II. Oliveira, Wendell Guiducci, coorient. de. III.  
Título.

**Júlia de Oliveira Sales**  
**Juliana Dias Gomes**

**Serjack.doc: canto de um sujeito ensimesmado**

Memorial descritivo apresentado ao curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Aprovada em: 05 de dezembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Cristiano José Rodrigues - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Professor Me. Wendell Guiducci de Oliveira -  
Coorientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Professora Dra. Erika Savernini  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Professora Dra. Letícia Perani Soares  
Universidade Federal de Juiz de Fora



“Não tenho convenções nem preconceitos.  
Afinal, o que é errado e o que é direito?  
Sei que vivo num mundo mesquinho e decadente.  
Mas sou um elo rompido da corrente”  
(Serginho do Rock)

## RESUMO

A valorização da história local é muito importante no processo de formação do cidadão, do agente histórico, mas, sem a devida atenção, a memória muitas vezes se perde. No caso específico de Leopoldina, em Minas Gerais, temos a figura de Serginho do Rock, que escreveu músicas sobre a cidade e cuja memória pretende-se resgatar e conservar através deste Projeto de Conclusão de Curso que resultou em um documentário e em um site.

Palavras-chave: Leopoldina. Serginho do Rock. Documentário. Memória. Hipermídia.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Encontro no dia do Tributo. Da direita para esquerda: Wilson, Cidinha, Juliana, Júlia, Iva, Rubinho e Nonô Boa Palavra . . . . .	19
Figura 2 – Captura de tela da entrevista com Cidinha feita para documentário . . . . .	24
Figura 3 – Captura de tela da entrevista com Márcio feita para documentário . . . . .	24
Figura 4 – Captura de tela da entrevista com Clóvis feita para documentário . . . . .	25
Figura 5 – Captura de tela da entrevista com Lisboa feita para documentário . . . . .	25
Figura 6 – Captura de tela da entrevista com Rubinho feita para documentário . . . . .	26
Figura 7 – Captura de tela da entrevista com Nem Boneca feita para documentário . . . . .	26
Figura 8 – Captura de tela da entrevista com Tula feita para documentário . . . . .	27
Figura 9 – Captura de tela da entrevista com Ademar feita para documentário . . . . .	27
Figura 10 – Captura de tela da entrevista com Zé Heleno feita para documentário . . . . .	28
Figura 11 – Captura de tela da entrevista com Márcia feita para documentário . . . . .	28
Figura 12 – Captura de tela da entrevista com Toinzin feita para documentário . . . . .	29
Figura 13 – Captura de tela da entrevista com Zezé feita para documentário . . . . .	30
Figura 14 – Captura de tela da entrevista com Rodrigo feita para documentário . . . . .	30
Figura 15 – Painel de desenvolvimento do Wordpress com o tema Enfold . . . . .	33
Figura 16 – Identidade atual do site e documentário . . . . .	34
Figura 17 – Vídeo de abertura do site . . . . .	35
Figura 18 – Menu principal do projeto com os produtos do trabalho . . . . .	35
Figura 19 – Seção com explicações sobre o projeto e as desenvolvedoras . . . . .	38
Figura 20 – Seção de interação com o público . . . . .	38

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> . . . . .	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> . . . . .	<b>9</b>
2.1	Memória . . . . .	9
2.2	Documentário . . . . .	9
2.3	Hipermídia . . . . .	11
<b>3</b>	<b>CONTEXTUALIZAÇÃO</b> . . . . .	<b>12</b>
3.1	Leopoldina, a mineira gostasa . . . . .	12
3.2	Serginho do Rock: um cara esquisito, meio pirado . . . . .	13
3.3	O Girassol Maravilhoso: Uma tribo unida a espalhar o amor . . . . .	16
<b>4</b>	<b>O PROJETO</b> . . . . .	<b>18</b>
4.1	Projeto Inicial . . . . .	18
4.2	Pré-produção . . . . .	18
4.3	Produção . . . . .	21
4.3.1	Equipamentos e técnicas . . . . .	21
4.3.2	Entrevistas . . . . .	22
4.3.2.1	Entrevistados . . . . .	23
4.4	Pós-produção . . . . .	31
4.4.1	O documentário . . . . .	31
4.4.2	O site . . . . .	32
4.4.2.1	Idealização . . . . .	32
4.4.2.2	Construção . . . . .	33
4.4.2.3	Estrutura do site . . . . .	34
<b>5</b>	<b>Considerações Finais</b> . . . . .	<b>40</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> . . . . .	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Muitas cidades têm seus filhos folclóricos, aquelas pessoas-personagens que marcam época e se tornam parte da memória e identidade cultural da cidade. Mas a memória, sendo fruto das experiências subjetivas de cada pessoa e, ainda, sujeita aos efeitos do tempo e das percepções do indivíduo, pode ser palco para a construção de narrativas conflituosas, divergentes ou complementares. A memória é a verdade de cada um. Estudá-la por meio de testemunhos ou relatos, traz questionamentos sobre a narrativa construída a partir do “eu”, do sujeito histórico, sobre como se formam suas lembranças, suas interpretações sobre fatos da vida e até mesmo sobre seu repertório, fruto do contexto em que vive: “(...) não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela”. (RICOUER, 2007, p.40)

Segundo Ricouer esta narrativa se faz, também, por meio da cultura material. O patrimônio material é formado por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis – núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais – e móveis – coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos, cinematográficos e, por que não, musical.

Todos estes bens são repositórios da memória uma vez que são testemunhos do passado. O reconhecimento e a valorização do patrimônio é um direito de todo cidadão assim como o uso do patrimônio deve estar de acordo com os interesses da sociedade.

Em Leopoldina, Minas Gerais, isso não é diferente. A cidade de pouco mais de cinquenta mil habitantes, na Zona da Mata Mineira, teve em sua história o filho folclórico que mais cantou suas belezas e paisagens: Serginho do Rock. E, ao nosso ver, tão importante quanto restaurar e preservar, por exemplo, a casa onde morou Augusto dos Anjos - que passou os últimos anos de sua vida em Leopoldina -, é manter viva a memória de um compositor que homenageou a cidade na maioria de suas músicas.

A ideia de concluir o curso de Jornalismo com um trabalho prático que ajudasse a resgatar, conservar e divulgar pelo menos uma parte do que foi a história de Antônio Sérgio Lima Freire, o Serginho do Rock, com e para Leopoldina, surgiu da necessidade que sentíamos, enquanto futuras jornalistas, de realizar algo que pudesse, enfim, ser devolvido à comunidade.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar este projeto não nos debruçamos em muitos teóricos, levamos em consideração tudo o que aprendemos na faculdade sobre o papel do jornalista no mundo, sobre ouvir, dar voz e iluminar a história de pessoas. E, nesse contexto, destacamos brevemente três conceitos importantes que guiaram a ideia inicial deste projeto: memória, documentário e hipermídia.

### 2.1 Memória

Pierre Nora afirma que a memória é uma construção dos indivíduos, em busca de uma identidade. Daí a criação de “lugares da memória” como uma forma de se contrapor ao esquecimento, lugares onde a memória se cristaliza e a herança se consolida sob a forma de arquivos, bibliotecas, estátuas, genealogia, exposições e museus, além das comemorações e celebrações públicas. (NORA apud TOMAIM, 2009)

Para Paul Ricoeur (2007) o que diferencia história e memória é o fato da história ser a narrativa que se preocupa com ações importantes, ao passo que a memória trata somente de coisas cotidianas. Para o autor, toda narração é narração de uma ação e, portanto, narra ações dos protagonistas. A partir da memória podemos, assim, adentrar a narrativa cotidiana de uma forma específica e própria, impossível de ser obtida por meio da análise de um documento oficial, por exemplo.

A preservação é uma ação social. Portanto, o ato de preservar, de valorar bens materiais e culturais reforça o sentimento de identidade, de pertencimento, de fazer parte de algo maior. Este processo envolve a criação de uma memória social. O processo de rememoração ou de atualização das imagens do passado não se trata de uma mera restauração, mas sim de uma operação do presente, tal que “se o passado perdido aí for reencontrado, ele não fique o mesmo, mas seja, ele também, retomado e transformado” (GAGNEBIN, 1994)

### 2.2 Documentário

O documentário pode ser um instrumento de preservação de uma identidade social, seja ela individual ou coletiva, que, ao longo dos tempos, sofre mutações em suas características. Zandonade e Fagundes (2003) indicam o documentário como um gênero audiovisual utilizado como forma de expressão da sociedade e registro dos acontecimentos. Com a invenção do cinema, alguns autores utilizavam os recursos do documentário para suas produções cinematográficas, antes mesmo que sua denominação fosse configurada como é atualmente. Essa equivalência acontecia pois o cinema se assemelhava nas funções e características adotadas no gênero, apesar de se distinguir do vídeo documentário enquanto

público e produção.

Como inspiração, o diretor deste gênero mais assistido antes e durante a execução do projeto foi Eduardo Coutinho. Ele define o documentário como o próprio ato de documentar. O filme só é um filme porque existe o ato da filmagem, então tudo o que ocorre no momento da filmagem é o que mais importa.

O cineasta assume que o documentário não conta o real porque o próprio ato da filmagem é uma intervenção em uma determinada situação ou em um determinado lugar. Mesmo no filme etnográfico, que é a investigação da antropologia visual através da filmagem de determinados grupos da sociedade, o cineasta não pode alimentar a ilusão de que está registrando o real. O que está sendo filmado é sempre um encontro, mediado pela câmera, entre o mundo do cineasta e sua equipe, e o mundo que está em frente a essa câmera. (COUTINHO, 2003)

Analisando o que poderíamos aproveitar de Coutinho em nosso projeto, decidimos não utilizar uma de suas características mais conhecidas: filmar o ato de fazer o documentário e mostrar para o público toda produção por trás daquilo. Tomamos essa decisão por acreditarmos que essa história deveria se contada apenas por seus personagens. Entretanto, buscamos utilizar o mesmo modo que Coutinho usa para conduzir as entrevistas e como ele trata o entrevistado. A característica de conversa e, de certa forma, de intimidade, de deixar o participante à vontade, seria a forma com que iríamos conduzir todas as gravações.

Podemos dizer que o discurso de um filme documentário tem por característica sustentar-se por acontecimentos reais. Para além dos conceitos e questões éticas, para o processo de roteiro e montagem do documentário seguimos técnicas discutidas por Sérgio Puccini (2009):

Outra peculiaridade do filme documentário, quanto a seu trabalho de roteirização, se liga ao fato de muitos documentários serem “resolvidos” em sua fase de pós-produção. Aqui a referência imediata recai mais sobre os filmes que se apegam ao estilo do documentário direto. Nessa etapa, de pós-produção do filme, faz-se necessária a escrita de um roteiro que oriente a montagem, um roteiro de edição. Esse roteiro será resultado de um trabalho de decupagem do material bruto de filmagem e terá sua função voltada não mais para orientar diretor, atores ou produtor, mas unicamente o montador, ou editor do filme (lembrando que essa atividade normalmente é acompanhada de perto pelo diretor). (PUCCINI, 2009, p.22)

Para expandir o alcance do documentário produzido para este projeto de conclusão de curso, lança-se mão, também, da utilização de recursos hipermediáticos, presentes no site que abrigará o conteúdo produzido. A ideia foi construir, através das entrevistas das pessoas para o documentário, uma memória conjunta, com fotos, documentos, músicas e

vídeos, que permitissem melhorar a experiência do usuário e ampliar os conhecimentos sobre o personagem leopoldinense, Serginho do Rock.

### 2.3 Hipermídia

Hipermídia é um conceito desenvolvido por Ted Nelson, filósofo e sociólogo estadunidense, pioneiro da Tecnologia da Informação, no início da década de 1960. Como ressalta Santaella (2014), essa linguagem é a mescla do hipertexto com a multimídia. Ela permite que através das ações interativas dos receptores se construam versões virtuais a partir dos fragmentos de informações à disposição do usuário, caráter primordial do hipertexto. (SANTAELLA, 2014)

A atmosfera da hipermídia proporciona a criação de uma comunidade de comunicação, reconstruída através da linguagem compartilhada. Por isso, o uso dos recursos hipermidiáticos se configuram como ideais para o alcance dos objetivos deste projeto. A interatividade, criada pela linguagem não-linear das plataformas online, permite a composição de obras em quantidades infinitas, através da configuração de textos, sons e imagens – estáticas e em movimento (MACHADO in: DOMINGUES, 1997). Com essas ferramentas, pretende-se resgatar a memória de Serginho do Rock através da inteligência coletiva.

Segundo Pierre Lévy (2003), a inteligência coletiva se distribui entre todos os indivíduos, e não fica restrita a poucas pessoas. Dessa forma, o saber pode ser construído a partir do conhecimento de todos e é resultado da contribuição de cada um; não há ninguém que não possa colaborar para a geração de conhecimento nesse contexto. É a partir da mediação das tecnologias da informação e comunicação que os intelectuais coletivos podem se reunir em um mesmo ambiente.

O ciberespaço (que também chamarei de ‘rede’) é o meio de comunicação que surge na interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 2000, p.17)

Por isso, a inteligência coletiva deve ser valorizada. A realização do documentário e a construção do site sobre o artista leopoldinense Serginho do Rock busca, através do saber individual, a coleta de material importante, que poderá contribuir para a comunidade como um todo.



### 3 CONTEXTUALIZAÇÃO

#### 3.1 Leopoldina, a mineira gostosa

Leopoldina é um município de Minas Gerais, pertencente à Zona da Mata Mineira, no sudeste do estado, localizada a 322 quilômetros de Belo Horizonte. Sua população, juntamente com a de seus distritos, em julho de 2015, era de 53.145 habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (IBGE, 2017) O município teve sua emancipação política no dia 27 de abril de 1854, e seu nome é uma homenagem à princesa Leopoldina de Bragança e Bourbon, filha do Imperador D. Pedro II. Antes disso, era um distrito que tinha o nome em referência ao padroeiro e também ao ribeirão que a corta, era São Sebastião do Feijão Cru.

Na época do ciclo do café, a cidade foi uma das mais importantes da antiga província de Minas Gerais. Com a grande crise econômica de 1929, porém, a economia dos municípios mineiros ligados à cafeicultura sofreu grande abalo.

Atualmente, sua economia se apoia na pecuária leiteira, no cultivo de arroz e no setor de serviços. Nesse trecho da música “Mineira Gostosa”, Serginho do Rock relembra a breve época efervescente e a estagnação da cidade após a crise:

Rebuscando suas velhas histórias  
Era apenas um pontinho no mapa  
Mais verde, mais culta, pacata  
Athenas da Zona da Mata  
  
Alienada em função do futuro  
O ócio desprende do gênio  
Da bela da Mata que espera no escuro  
A luz do terceiro milênio (ROCK, 1995)

A cidade é praticamente cercada de montanhas, cerca de 80% do município apresenta topografia que varia de ondulada a montanhosa e apenas 20% é classificado como plano. O Alto de Santa Úrsula, no distrito de Providência, ponto culminante do município, possui altitude de 712 metros<sup>1</sup>. Já o Morro do Cruzeiro, cantado por Serginho, possui altitude de 385 metros do solo e a 630 metros do nível do mar. Sem levar em consideração os distritos, é o ponto mais alto da sede do município<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Informação retirada de um documento da Prefeitura de Leopoldina. Disponível em: <[http://www.leopoldina.mg.gov.br/abrir\\_arquivo.aspx/plano\\_municipal\\_de\\_educacao\\_2015\\_68\\_mai\\_2015?cdlocal=6&arquivo=%7Bad6a88db-e2b5-dc7a-3206-cac4deeeceae%7D.pdf](http://www.leopoldina.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/plano_municipal_de_educacao_2015_68_mai_2015?cdlocal=6&arquivo=%7Bad6a88db-e2b5-dc7a-3206-cac4deeeceae%7D.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2017.

<sup>2</sup> Informações obtidas pelo Topographic-Map. Disponível em: <<http://pt-br.topographic-map.com/places/Leopoldina-4004551/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Protegida pelos contrafortes  
 Das altas montanhas de Minas  
 Driblando o tempo, de maneira ladina  
 Ainda parece menina  
 Isto é Leopoldina, sonora verdade  
 Mineira gostosa, minha idade (ROCK, 1995)

Leopoldina conta com atrativos naturais e arquitetônicos, como a Catedral de São Sebastião, o Museu Espaço dos Anjos, o Museu da Eletricidade, o reservatório da Usina Maurício, a cachoeira Poeira D'Água, o Morro do Cruzeiro. Alguns dos principais eventos que acontecem no município são a Exposição Agropecuária e Industrial, a Feira da Paz e o tradicional Festival de Viola e Gastronomia de Piacatuba.

### 3.2 Serginho do Rock: um cara esquisito, meio pirado

Para contar a história de Serginho do Rock precisamos voltar ao início, ao nascimento de Antônio Sérgio Lima Freire. Foi no dia vinte e seis de outubro de 1940, na chácara dos avós paternos no bairro Fátima, onde a família morava. Sérgio era o filho mais velho de Antônio Bastos Freire, conhecido como Tônico Bastos, e de Marília de Lima Freire, a Dona Sinhazinha. Depois de nove anos do seu nascimento, em 1949, nasceu Maria Aparecida, a Cidinha – o nome é uma promessa de Dona Sinhazinha, porque Serginho nasceu com sopro no coração. Em 1958, nasceu a terceira e última filha do casal, Marília.

Durante a infância, Sérgio estudou no Colégio Santo Antônio, um internato em São João Del Rei. Quando Sérgio voltou a Leopoldina, foi para cursar o básico, hoje ensino médio. Segundo Cidinha, nas palavras da mãe, “Sérgio fazia um ano em dois”. Por isso, acabou obrigado a ir para outro internato em Petrópolis para terminar o chamado segundo grau.

Depois disso, Sérgio foi direto para o Rio de Janeiro. Ao que tudo indica, o pai deu a entender que, terminado os estudos, o filho deveria se virar. Serginho foi procurar emprego e em pouco tempo passou em um concurso da Caixa Econômica Federal. Durante essa época, sempre ia visitar a família em Leopoldina, mas depois de dez anos trabalhando no banco, decidiu largar tudo e voltar para a cidade natal. A irmã Cidinha tinha acabado de se casar e para os pais foi um choque, que não imaginavam ter que se preocupar com os outros filhos, além da caçula Marília. Sérgio era visto como boêmio, voltava para casa tarde da noite, o que deixava sua mãe preocupada e a fez optar por mais uma promessa para “colocar rumo” na vida de seu filho: ela iria parar de usar joias.

Nesse período, Serginho participou como redator dos jornais “A verdade” e “A Tocha”, juntamente com Paulo Roberto Lisboa, mais conhecido apenas como Lisboa, seu amigo e artista plástico. Eles desenhavam e escreviam algumas propagandas para estabelecimentos comerciais locais, além de charges com críticas sobre acontecimentos da

cidade. publicados nesses jornais. Participou de programas de rádio, época em que foi “batizado” com o nome de Serginho do Rock, pelo gosto musical que tinha.

Depois de dar um pouco de preocupação aos pais, a promessa de D. Sinhazinha surtiu efeito e Serginho conseguiu um emprego como secretário na Câmara de Vereadores em Leopoldina. Ele passou no concurso e tomou posse no dia 31 de janeiro de 1974. Lá trabalhou ao lado de Jorge Luiz Baía, o Tula e de Ademar Mattos. Eram os únicos funcionários efetivos da Câmara naquele período.

Alguns anos mais tarde, já funcionário da Câmara Municipal de Leopoldina, cursou o magistério onde reinava numa turma feminina. Apesar disso, Cidinha conta que ele nunca apresentou ninguém – nenhuma namorada – em casa: “tinha algumas que a gente suspeitava, mas ele nunca apresentou”. E claro que falando em vida amorosa, não faltaram fofocas sobre ele na cidade, Cidinha diz: “Já ouvi dizerem que ele era gay. Não parecia, eu acho que não era, mas se fosse seria um excelente gay”, ela brinca rindo.

Para continuar com os estudos, Serginho escolheu a graduação em História em uma faculdade particular em Cataguases, mas não concluiu o curso. Sempre gostou muito de ler, todos os amigos o descrevem como um homem muito inteligente e culto, de uma redação excelente. Tinha inclusive sua biblioteca particular, batizada “Biblioteca Particular Heródoto de Halicarnasso”, com direito a carimbo para marcar todos seus livros.

Além de ler, outra paixão de Serginho era a música. Segundo Cidinha, ele aprendeu a tocar violão sozinho, com auxílio das revistinhas que comprava. Ouvia os mais variados estilos, desde o canto dos índios americanos até discos de rock mais pesado. Suas composições começaram quando ele voltou para Leopoldina, ou pelo menos, foi nessa época que foram conhecidas por seus amigos e familiares.

Em 1982, Serginho criou o “Hippie...nótico”, um jornal que na verdade, foi o início da ideia do que veio a se tornar o Girassol Maravilhoso, grupo descrito por ele na música de mesmo nome.

Serginho era amigo de muitas pessoas da mesma idade e também muito mais novas que ele, conservadoras e as mais “revolucionárias”. Juntava todos no dia nove de julho, instituído o dia da bandeira do Girassol Maravilhoso, quando uma grande festa, organizada durante todo o ano, acontecia. A venda de camisas pintadas por Lisboa ajudava a custear a festa e servia como “ingresso”. Cada um levava o que melhor fazia. Dona Sinhazinha fazia o famoso pernil afiambrado, que demorava oito dias para ficar pronto. A bebida, barris de chopp e vinhos, era encomendada com antecedência. Não importava o dia da semana que caísse, para eles, o dia nove de julho era um feriado particular. Passavam o dia “na natureza”, como os próprios girassolinos descreveram. A cachoeira Poeira D’água e o lago da represa da Usina Maurício eram os lugares mais escolhidos para a festa, que durava o dia todo.

Em 1990, o pai, Tônico, faleceu depois de não se recuperar de um derrame que teve. O que ninguém esperava era que Serginho morreria cinco anos depois e, menos ainda, que a caçula, Marília – com quem Serginho nunca se deu muito bem, talvez pela diferença de idade de dezoito anos –, descobriria um câncer logo após a morte do irmão.

No dia em que Serginho morreu, sete de agosto de 1995, Cidinha contou que ele estava com uma consulta marcada com um médico, em Juiz de Fora. A família procurou o médico para entender o que estava acontecendo. Ele afirmou que o coração de Serginho já estava “grande” e como “ele gostava muito de correr”, para o médico, estava forçando demais o órgão num momento em que deveria repousar. Ele teve arritmia cardíaca. Dona Sinhazinha o encontrou no quarto, com as pernas para fora e o tronco ainda na cama. “Os braços estavam pra cima, como se estivesse se rendendo”, contou Cidinha.

Serginho estava trabalhando na gravação de um cassete com suas músicas, os amigos, então, resolveram realizar esse sonho. Com a ajuda da família, produziram e venderam camisetas e pagaram todo custo da produção do CD com as músicas de Serginho. Amigos fizeram todo processo de mixagem, capa e encarte do CD e, foi possível, já em 1996, lançar o primeiro CD. Cidinha conta que a mãe e a irmã, mesmo doente, participaram de todo processo e chegaram a ir até Vitória, onde o disco estava sendo produzido. “Foi caríssimo arcar com as despesas, mas foi com o dinheiro das vendas do CD que a gente conseguiu pagar o congelamento da medula da minha irmã, na época era muito caro e só faziam em Belo Horizonte”, contou Cidinha. Infelizmente, a doença evoluiu muito rápido e nesses últimos meses, Marília ainda ajudou, junto a mãe, a escolher as faixas do segundo CD, que já estava em produção. Desta vez, um CD só com homenagens que foi lançado em 1997.

Em 1998, a irmã caçula morre. Cidinha conta que Marília, mesmo inconsciente, também colocou as mãos para cima, segundo ela, em um sinal de entrega – como Serginho. Agora única filha, Cidinha conta que foi a mãe, Dona Sinhazinha, que lhe deu forças para viver depois da morte deles. Anos depois, Sinhazinha começou a participar de um coral. Ela era independente, a filha descreveu a casa que ela morava como de um livro infantil: “a casa tinha cheiro de chocolate”.

No final de novembro de 2002, Dona Sinhazinha estava se apresentando no Conservatório de Música Lia Salgado, em Leopoldina, com o coral. A última música era Morro do Cruzeiro, do Serginho do Rock, seu filho. De acordo com Cidinha, a mãe chegou da apresentação falando que viu o Serginho nitidamente na janela enquanto cantava. Disse que era tão real que queria descer do palco para abraçá-lo. Poucos dias depois, no dia dois de dezembro, ela realmente foi abraçá-lo. Não só Serginho, mas também Marília e seu falecido marido, Tônico. Segundo Cidinha, ela morreu orando: tomou um banho, estava com pijama sentada na cadeira com as mãos para cima, assim como seus filhos. Cidinha sentiu muito a morte da mãe.

Hoje, a casa onde a família morava foi demolida para dar lugar a um prédio: Edifício Residencial Lima e Freire - um tributo à família que viveu ali -, onde haverá um hall em homenagem a Serginho do Rock..

### 3.3 O Girassol Maravilhoso: Uma tribo unida a espalhar o amor

O Girassol Maravilhoso, ao contrário do que alguns pensam, não se trata de um grupo musical de Serginho do Rock. Na verdade, é mais uma filosofia de vida.

Ao longo dos anos, Serginho reuniu os mais variados amigos. No Brasília, o BCC (Brasília Country Club) ele participava de peladas, depois passava o dia tomando cerveja na famosa “galombada”, nome que os amigos deram à farra costumeira. Entre eles estava Cici que, voltando de um desses encontros no clube, acabou falecendo em um acidente de carro. Serginho sentiu muito a morte de Cici, fez uma música sobre as memórias que ficaram, e depois disso as saídas aos sábados passaram a ser chamadas de Cici Day.

O Girassol começou quando Serginho e alguns amigos, ao invés de irem para algum bar, decidiram que era melhor “ir para natureza” – como eles mesmos dizem. Todo sábado era a mesma coisa: arrumavam as cervejas no isopor, tira gostos... não podiam esquecer o Silver – nome do som do Serginho –, cadeiras e mesas portáteis – que também tinham nome, era uma mania deles. O destino era incerto, qualquer lugar que achassem bonito e onde pudessem tomar a Bohêmia gelada, “mais saborosa longe da cidade”.

Quando paravam nos lugares para passar o dia, era como se aquele fosse o território deles. Com isso, inspirados pela antiga história em quadrinhos “Sobrinhos do Capitão”, veio a ideia de fazer uma bandeira. Serginho listou todos os elementos que queria que estivessem presentes para que o amigo e artista Paulo Roberto Lisboa a fizesse. Foi comprado o pano e o artista fez como foi pedido: um girassol, a natureza, violão, pássaros, borboletas, a cachoeira de Piacatuba (que depois passou a ser conhecida como Poeira D’água, nome dado por Lisboa e Serginho).

A bandeira ficou pronta no dia 9 de julho, que logo se tornou o dia da bandeira e também da grande reunião do Girassol Maravilhoso. Era uma espécie de feriado para todos eles. Serginho e os amigos passavam o ano todo pensando e planejando a festa. Camisas eram vendidas para arrecadar dinheiro para o evento e serviam como ingresso da festa. Algumas vezes, o local escolhido foi a Poeira D’água, em Piacatuba, e em outras vezes, o lago da Represa da Usina Maurício, entre Piacatuba e Itamaraty de Minas. O que começou como uma reunião entre cinco amigos, acabou lotando ônibus e vários carros no auge do 9 de julho.

Algumas coisas eram tradição: o discurso de Serginho, o hasteamento da bandeira, o pernil afiambrado de Dona Sinhazinha, muita comida, chopp, vinho e música. Todos que já participaram do “nove” falam com muita saudade e gratidão por terem vivido aqueles

momentos. Como diz a música:

”Tudo aqui está tão lindo  
Estamos indo cultivar a flor  
Nós somos uma tribo unida  
A curtir a vida  
E espalhar o amor  
Nosso grupo é generoso  
está plantado em nossa vida  
O Girassol maravilhoso” (ROCK, 1995)

## 4 O PROJETO

### 4.1 Projeto Inicial

Durante toda faculdade, desenvolvemos um grande interesse pela área de audiovisual, despertado na disciplina de Técnica em TV. Muitas coisas aconteceram ao longo dos períodos, mas uma coisa marcou muito e uniu nossa dupla: contar histórias. Esse era um interesse em comum na reta final do curso em meio às disciplinas hiper jornalísticas - os temidos mergulhões. O momento de decidir um tema para o trabalho de conclusão de curso chegou e decidimos que embarcaríamos na última aventura de contar histórias, pelo menos a última da faculdade.

O desejo de fazer um projeto prático e que, de alguma forma, pudesse ficar para a sociedade era uma das intenções. Juntamente a isso, uma das integrantes da dupla relatou sentir falta de um registro sobre um artista, o cantor e compositor Serginho do Rock, de sua cidade, Leopoldina, Minas Gerais. A ideia foi tomando forma até que decidimos que faríamos o projeto juntas. Seria um documentário e um site com a intenção de relembrar e não permitir que a história desse artista seja esquecida.

### 4.2 Pré-produção

A primeira coisa que fizemos para iniciar nossa busca por fontes foi conversar com a família da integrante da dupla, que mora em Leopoldina, para levantar os principais nomes que deveríamos procurar para fazer o contato, já que em uma cidade pequena, é comum as pessoas se lembrarem de quem andava com quem e, por se tratar do músico Serginho do Rock, seria ainda mais fácil. No início, a única coisa que tínhamos certeza era que Cidinha, Maria Aparecida Freire, seria nossa principal fonte por ser a única irmã viva do artista. Entramos em contato pelo Facebook, explicamos toda nossa ideia com o projeto, e ela nos respondeu super atenciosa, feliz em saber da iniciativa e se colocou à disposição para marcar um encontro.

Após esse primeiro contato com Cidinha, ficamos sabendo que iria acontecer um tributo a Serginho do Rock em um sítio na área rural da cidade de Leopoldina. Logo, fizemos contato para saber se poderíamos participar, já que seria uma excelente oportunidade para conseguir os contatos de outros amigos do artista. E conseguimos ir ao evento. Lá tivemos contato com várias pessoas que, depois, se tornaram participantes do documentário e com muitas outras que infelizmente, devido ao tempo reduzido para a execução do projeto, acabaram não participando.

Poucos dias após essa experiência, construímos esse relato:

“No dia 12 de agosto de 2017, participamos de um evento – um Nove de Julho atrasado – organizado por amigos de Serginho do Rock em tributo ao compositor leopol-

dinense. O evento aconteceu em um sítio na cidade de Leopoldina, em meio a natureza, como Serginho gostava. Muitos amigos, familiares e fãs de suas músicas se encontraram e curtiram o tributo realizado pela banda local Corrente Sanguínea, com mais de trinta anos de estrada e que também cruzou com a figura do Serginho do Rock pelos palcos da cidade.

Neste evento, conseguimos ter o primeiro contato pessoal com a única irmã viva de Serginho, Cidinha, seu marido, José Wilson, seu único filho, Márcio, com a esposa, Antonella e seu netinho, Matheus. Além da família, conhecemos muitos amigos do artista – sentimos até que conhecíamos alguns que foram homenageados por Serginho em canções - como Vanor Barbosa, da música “Nonô boa palavra”, Jorge Luis Baía, o Tula, que trabalhou com Serginho na Câmara dos Vereadores em Leopoldina, Rubinho Maia e Samuel Araújo que, apesar de vinte anos mais novo, conviveu muito com Serginho.

Figura 1 – Encontro no dia do Tributo. Da direita para esquerda: Wilson, Cidinha, Juliana, Júlia, Iva, Rubinho e Nonô Boa Palavra



Fonte:(Arquivo pessoal)

Fomos surpreendidas ao saber que Serginho tinha uma espécie de fã clube: “As Sergetes”. Garotas, na época com dezoito, dezenove anos, que acompanhavam shows e participavam das festas do dia nove de julho. Até música em homenagem elas receberam: eram as “Fadas de Julho” de Serginho do Rock. Hoje nem todas estão em Leopoldina, mas se reuniram para prestigiar o evento.

Durante toda a festa percebemos um clima bem familiar, mesmo sendo um evento público. Em vários momentos as pessoas tomavam posse dos microfones e cantavam junto com a banda. Sentimos que o Girassol Maravilhoso ainda vive nessas pessoas. Para a



integrante da dupla que não é de Leopoldina, vivenciar esse momento foi uma experiência única e muito emocionante. Foi possível perceber o quão importante foi a figura de Serginho para a cidade que cantou em suas músicas e como sua existência marcou a vida daquelas pessoas que, mais de vinte anos depois de sua morte, ainda se reuniam para reverenciar sua obra.

Foi uma tarde muito agradável e proveitosa, já que foi ali que escutamos os primeiros relatos, conhecemos as histórias e conseguimos os contatos dos amigos do Serginho do Rock. Com isso tivemos um norte para nosso projeto.”

A maioria das fotos e alguns documentos de Serginho do Rock que utilizamos para a realização do projeto, conseguimos após nosso primeiro encontro com a Cidinha – que ainda não foi o dia em que realizamos a entrevista filmada. De certa forma, foi nesse encontro que começamos a entrar um pouco no universo particular desse artista, que no fundo era um sujeito bem fechado, como é possível perceber em algumas de suas músicas. Foi através da conversa da irmã que também obtivemos a maior parte das informações sobre a biografia do artista. Nesse mesmo dia escrevemos o relato abaixo:

“No dia 30 de agosto de 2017, tivemos nosso primeiro encontro na casa da Cidinha, irmã de Serginho do Rock. A intenção era que nesse primeiro encontro já filmássemos a conversa, mas alguns imprevistos e uma alergia, da qual Cidinha estava ainda se recuperando, fizeram com que nós só conversássemos. E isso foi muito bom, porque serviu para “quebrar o gelo” e nos aproximar do universo da família de Antônio Sérgio Lima Freire, o Serginho do Rock.

O encontro foi marcado para duas horas da tarde. Lá estávamos nós, em frente a casa de Cidinha num condomínio na estrada para o Morro do Cristo em Juiz de Fora, onde moram ela e o marido, José Wilson, junto com o filho do casal, Márcio, e sua esposa Antonella e o filho deles, Matheus. Cidinha nos recebeu, conhecemos sua secretária e também os cachorros da casa; logo nos sentamos na mesa de jantar para começar a conversa.

Pedimos a Cidinha para que ela começasse a contar a história do início, desde o nascimento do Sérgio. E foi o que ela fez durante duas horas, mesmo quando não tinha presenciado de fato algum acontecimento da vida do irmão, lembrava das histórias contadas pela mãe.

Depois de contar tudo, Cidinha nos levou para área externa da casa até um quartinho, uma espécie de porão. Lá tem tudo do Serginho e todas as coisas que ela carregou da sua antiga casa. Cama, móveis, álbuns de fotografia, fotolitos do projeto do CD do Serginho do Rock, tudo guardado. Ficamos lá mais algumas horas olhando tudo, seu caderno de músicas, suas charges, algumas fotos.

Conhecemos várias novas letras que ninguém sabe qual batida e acordes deveriam

acompanhá-las. Ficamos mais próximas de uma parte de Serginho do Rock, a parte mais Antônio Sérgio, talvez.”

Além dessas fotos, já durante algumas das entrevistas, conseguimos com os amigos Clóvis e Lisboa, um pouco mais de material fotográfico e os registros em vídeo das festas do dia nove de julho.

E foi com essa base de contatos, de fotos, de vídeos e outros registros, que iniciamos a produzir, de fato, este projeto que, tem dois produtos finais: o documentário e o site.

## 4.3 Produção

### 4.3.1 Equipamentos e técnicas

Foram utilizados, para a produção do documentário, recursos audiovisuais próprios, além dos equipamentos emprestados da própria faculdade. Para a gravação, foram utilizadas as câmeras Sony HDR-XR260V, Canon VIXIA HF R400 (equipamentos da faculdade) e Sony HX300 (equipamento próprio). Para complementar os sets de gravações, foram utilizados tripé, microfone de lapela da Sony UWP-D11 e gravador de áudio Tascam DR-40, todos empréstimos da própria universidade. A opção de usar gravador e microfone foi para garantir o áudio da entrevista, já que tivemos problemas nas duas primeiras entrevistas, perdemos todo o áudio e foi preciso remarcar para fazer um nova entrevista.

Já as técnicas referentes a imagem vieram de forma natural, buscando, praticamente em todas entrevistas, retratar o participante de forma a seguir a regra dos terços da composição fotográfica, dando espaço maior à frente de seu rosto e também nos preocupamos com profundidade da imagem. Foram utilizadas duas câmeras simultâneas durante as gravações, possibilitando o corte entre elas para gerar dinamismo e ritmo na edição.

A ilha de edição usada na montagem do produto final recebeu mais de 200 GB em conteúdo (principalmente arquivos de vídeo com as filmagens, mas também trilha-sonora - os CDs de Serginho do Rock -, fotos do arquivo da família e dos amigos, vídeos da festa do nove de julho e de um show do artista, além de fotos do grupo Os Beatnicks que foram retiradas do Facebook e site da banda e um vídeo clipe retirado do canal da banda no Youtube, e o vídeo com imagens aéreas de Leopoldina cedido gentilmente pelo fotógrafo leopoldinense Romulo Nascimento).

A ilha segue a seguinte configuração: Samsung ATIV Book 4 470R4E Processador Intel(R) Core(TM) i5-3230M CPU @ 2.60GHz. Adobe Premiere Pro CS6 foi o programa utilizado para a edição.

### 4.3.2 Entrevistas

Foram realizadas treze entrevistas, todas presenciais, gravadas entre os meses de agosto e novembro de 2017, conforme previamente estipulado na agenda de gravação. Preparamos um roteiro básico com quatro perguntas, para que durante a entrevista tivéssemos a liberdade de perguntar a partir da fala dos participantes. As perguntas-base eram:

1) "Como você conheceu o Serginho do Rock?"

2) "Você poderia contar uma história/experiência engraçada ou inusitada que viveu com Serginho?"

3) "Você poderia cantar uma música?"

4) "O que você acha que Serginho deixou pra Leopoldina?"

Para a condução das entrevistas, foram tomados por base os conceitos do cineasta Eduardo Coutinho, buscando depoimentos mais humanizados. Com isso, buscamos gravar em ambientes familiares aos entrevistados, na maioria dos casos, nas próprias casas dos participantes. As entrevistas buscavam focar nas questões fundamentais a cada entrevistado, sempre seguindo o roteiro básico adicionando pontos específicos a cada participante. Porém sem deixar de utilizar o tom informal de conversa para garantir menor estranhamento dos entrevistados frente à câmera.

A seleção dos entrevistados teve grande relação com o nível de intimidade e da relação da pessoa com o artista. Vale ressaltar que sabemos que muitas outras pessoas acabaram não sendo entrevistadas, mas tiveram tanta intimidade quanto as selecionadas e também fizeram parte da história de Serginho do Rock, porém devido ao pouco tempo para a realização das entrevistas e do projeto em si, acabamos não conseguindo nem ao menos entrar em contato.

A primeira entrevista foi feita com a irmã do músico, Cidinha, já que ela seria nosso "fio condutor" durante o processo todo. Porém no dia em que marcamos, ela estava com uma alergia, portanto precisamos adiar a gravação. Mesmo doente ela nos recebeu e nos contou toda a história da família, da relação do Serginho com eles e com os amigos, lembranças de momentos felizes e tristes. A partir desse depoimento, delineamos algumas passagens da vida de Serginho a serem abordadas, levando em consideração o fator tempo e os contatos que já havíamos feito.

A parte sobre a família, infância, adolescência e ida ao Rio de Janeiro ficariam por conta da irmã, pois julgamos que ela poderia falar com mais propriedade sobre o assunto. Além de seu filho, Márcio Freire, o único sobrinho de Serginho, que poderia falar sobre esse lado "família" artista. Depois de confirmar as entrevistas principais, dentre os possíveis personagens listados previamente, elegemos as pessoas que poderiam falar melhor de cada

fase e faceta do artista a partir do momento que Serginho retorna à Leopoldina, depois de sua passagem pelo Rio.

A fase boêmia no Brasília Country Clube, poderia ser falada por José Heleno Lacerda, o Zé Heleno Pimpão, e por Clóvis Esteves, o Clovinho. Sua faceta de funcionário da Câmara Municipal de Leopoldina, seria falada por Jorge Luis Baía, o Tula, e por Ademar de Mattos, amigos e companheiros de trabalho. A fase de “ir para natureza” e o início do grupo Girassol Maravilhoso, seria contada pelo artista Paulo Roberto Lisboa, por Rubens Maia, o Rubinho, e também por Clóvis. Sobre os shows e festas do nove de julho, poderia ser contado por Aluizio Fajardo, o Nem Boneca, Lisboa, Rubinho e, nesse contexto de shows, a pessoa que poderia falar sobre o fã-clube de Serginho seria uma das “Sergetes”, Márcia Fofano.

Todas as entrevistas transcorreram de acordo com o planejado e esperado, exceto as duas primeiras entrevistas gravadas, com Clóvis e Rubinho, ambas no mesmo dia. Estávamos usando um equipamento mais antigo emprestado pela faculdade, em que a gravação é em fita mini-DV. Não sabemos ao certo o que pode ter acontecido, pode ter sido um problema natural pela falta de manutenção do equipamento, já que estava parado há 10 anos, ou se foi a falta de prática com uma câmera daquele tipo. O fato é que perdemos todo áudio e ainda tivemos problemas com a imagem, como se o cabeçote da fita estivesse sujo. Depois desse fato, mudamos para a câmera digital, remarcamos a entrevista e ainda conseguimos emprestado com a Faculdade de Educação um gravador de áudio Tascam, que nos deixou mais seguras, caso tivéssemos mais um problema com áudio, durante todas as outras entrevistas.

#### 4.3.2.1 Entrevistados

**Maria Aparecida Lima Freire:**

Figura 2 – Captura de tela da entrevista com Cidinha feita para documentário



Irmã de Antônio Sérgio, Cidinha, como é conhecida por todos, nasceu em Leopoldina onde também atuou como professora. Atualmente, vive em Juiz de Fora com o marido, a nora, o filho e o neto. Estes são os últimos integrantes da família Lima Freire. Cidinha foi o fio condutor do documentário e a maior fonte de informações e materiais sobre Serginho do Rock. Ela nos forneceu fotos, documentos e músicas gravadas pelo artista. Nossa conversa prévia foi decisiva para elaborarmos o roteiro e definirmos quais aspectos seriam abordados no documentário.

### **Márcio Freire:**

Figura 3 – Captura de tela da entrevista com Márcio feita para documentário



Filho de Cidinha, o único sobrinho de Serginho do Rock, foi quem herdou seus discos e coleções. Márcio é engenheiro e mora atualmente em Juiz de Fora com a mãe, o

pai, a esposa e o filho.

**Clóvis Esteves:**

Figura 4 – Captura de tela da entrevista com Clóvis feita para documentário



Amigo de Serginho, foi um dos fundadores do Girassol Maravilhoso, onde adotava o codinome de Carlos Natureza. Dez anos mais novo, antes do nascimento de Márcio, era considerado o herdeiro do artista. É o detentor da bandeira do Girassol e de um dos aparelhos de som usados por Sérgio. Clóvis foi o primeiro dos amigos entrevistados e também nos forneceu fotos e músicas de seu arquivo pessoal.

**Paulo Roberto Lisboa:**

Figura 5 – Captura de tela da entrevista com Lisboa feita para documentário



Gravurista e professor na Escola Guignard, a escola de artes da Universidade do Estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte, Lisboa também fez parte do começo do

Girassol. O “rei Midas” de Serginho era responsável pela criação das camisas que eram vendidas para a realização das festas do Nove de Julho. Além disso, também pintou quadros com caricaturas da turma do Girassol Maravilhoso que hoje estão com membros do grupo.

**Rubens Maia:**

Figura 6 – Captura de tela da entrevista com Rubinho feita para documentário



Um dos mais jovens participantes do Girassol Maravilhoso, Rubinho mora em Leopoldina e é proprietário de uma loja de ferramentas e utilidades domésticas.

**Alúzio Fajardo:**

Figura 7 – Captura de tela da entrevista com Nem Boneca feita para documentário



Alúzio, o Nem Boneca, conheceu Serginho ainda na época do Brasília e ganhou o apelido por se preocupar muito com o cabelo durante as partidas de futebol. Parte

do conjunto musical de Serginho, sua principal função era animar a platéia, já que sua guitarra ficava sempre desligada porque ele não sabia tocar.

**Jorge Luiz Baía:**

Figura 8 – Captura de tela da entrevista com Tula feita para documentário



O Tula, como é conhecido, tornou-se amigo de Serginho depois que os dois começaram a trabalhar na Câmara Municipal de Leopoldina, em 1974. A amizade extrapolou os limites do trabalho e ele se tornou o “faz-tudo” oficial do Girassol Maravilhoso, criando sistemas de som e sendo responsável pelo estúdio caseiro que funcionava no quarto de Serginho do Rock.

**Ademar Mattos:**

Figura 9 – Captura de tela da entrevista com Ademar feita para documentário





Outro amigo do trabalho na Câmara Municipal, entrou junto com Serginho e Tula. Naquela época, eram os três únicos funcionários do lugar. Ademar sempre participou dos encontros do Nove de Julho e via Serginho como um irmão, ressaltando que a cumplicidade sempre foi peça fundamental no relacionamento dos dois. Assim como Tula, Ademar trabalha na Câmara até hoje.

**José Heleno Lacerda:**

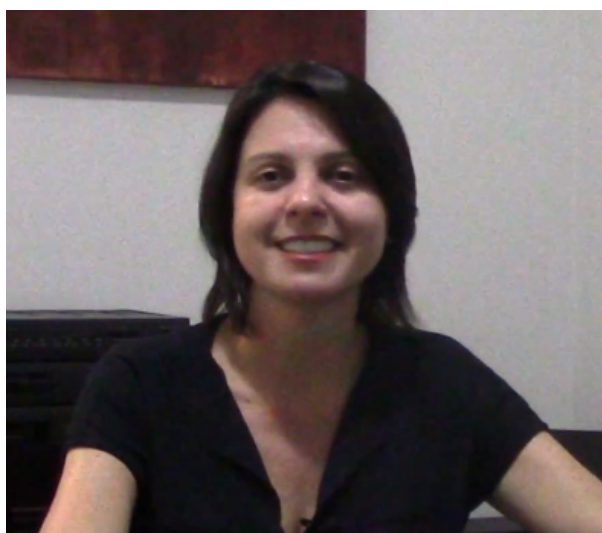
Figura 10 – Captura de tela da entrevista com Zé Heleno feita para documentário



O famoso Zé Heleno Pimpão é caminhoneiro e mora em Leopoldina. Amigo de Serginho dos tempos do Brasília Country Clube, ganhou uma música do cantor que acabou perpetuando seu apelido na cidade.

**Márcia Fófano:**

Figura 11 – Captura de tela da entrevista com Márcia feita para documentário



Márcia fez parte das Sergetes, um grupo de meninas que acompanhava os shows do Girassol Maravilhoso em bares e exposições de Leopoldina. Eventualmente, também participavam das comemorações do Nove de Julho. O grupo surgiu espontaneamente, foi batizado pelo próprio Serginho e também ganhou música: Fadas de Julho. Atualmente, Márcia mora em Juiz de Fora.

**Antônio Amâncio Valentim:**

Figura 12 – Captura de tela da entrevista com Toinzin feita para documentário



Toinzim Valentim foi vereador em Leopoldina e responsável por propor a lei que tornou “Mineira Gostosa”, composição de Serginho sobre a cidade, música oficial do município.

**Maria José Meneghite:**

Figura 13 – Captura de tela da entrevista com Zezé feita para documentário



Zezé conheceu a obra de Serginho através de seu irmão Tula e por causa do contato que tinha com Cidinha e Marília, as irmãs do cantor. Escritora, ela ocupa a cadeira de número nove na Academia Leopoldinense de Letras e Artes. Seu patrono é Serginho do Rock, uma homenagem ao artista que soube representar tão bem Leopoldina e seus habitantes e suas músicas.

**Rodrigo Rosa:**

Figura 14 – Captura de tela da entrevista com Rodrigo feita para documentário



Rodrigo é um dos integrantes dos Beatnicks, grupo de músicos leopoldinenses que se reuniu em 2013 para regravar músicas de Serginho do Rock. O objetivo era preservar e

colocar as novas gerações da cidade em contato com a obra do artista, que ganhou novos arranjos.

#### 4.4 Pós-produção

##### 4.4.1 O documentário

Após o período de gravação, nos voltamos para um momento chave no processo deste projeto, a edição do material. Concentramos o material em nossos computadores pessoais, tínhamos cerca de 20h de material bruto, então iniciamos uma análise profunda das entrevistas, para em seguida, determinarmos o material que seria utilizado no documentário.

Com o material filtrado, identificado e com cada entrevista previamente decupada, pois durante a análise já iniciamos o trabalho de edição, partimos para uma breve reformulação do roteiro, já durante o período de gravação nos deparamos com diversos relatos que fizeram com que repensássemos a montagem do produto final. Não deixamos o roteiro fechado, porque pensamos que durante a montagem poderiam surgir novas ideias para o produto final, porém tínhamos uma linha de raciocínio a seguir: a entrevista da Cidinha seria também nosso “fio condutor” no documentário.

Depois da edição da entrevista da Cidinha, começamos a editar uma parte específica que tínhamos pensando ainda na produção. Haviam duas perguntas no roteiro básico que fizemos para todos os entrevistados e que, inicialmente, pensamos em usar como abertura e como final. As duas perguntas eram: se a pessoa tivesse que descrever o Serginho do Rock para alguém que não o conheceu, o quealaria e um pedido para que a pessoa cantasse uma música do artista. Mas acabamos optando, no final da edição, em não usar a parte em que as pessoas descreviam ele no documentário. Essa parte ficaria sendo uma espécie de trailer, que acabou sendo escolhida para a abertura do site.

Com tudo isso, começamos a edição das outras entrevistas e do próprio documentário em conjunto com a elaboração do memorial descritivo, este último ilustrando os caminhos percorridos para realização do projeto. Durante a montagem do documentário, percebemos como seria difícil. Afinal, eram quase 55 anos da vida de uma pessoa.

Assim como na fase de produção percebemos que alguns amigos ficariam de fora por conta do tempo que a gente tinha para realizar as entrevistas, percebemos nessa etapa que algumas histórias contadas pelos participantes não entrariam no produto final. E, mesmo cortando muitas coisas o documentário estava com 38 minutos no primeiro corte apresentado ao orientador. Ao todo foram cinco cortes apresentados, com pequenas mudanças pontuais, até chegarmos ao produto final disponível pelo link: <https://youtu.be/cND1vKk8jLs>.

Utilizamos o mês de novembro para o processo de edição, concepção do site e criação do memorial descritivo, contando com muitos contratemplos e mudanças de roteiro, porém, com o resultado gratificante.

#### 4.4.2 O site

##### 4.4.2.1 Idealização

A ideia de criar um site que acompanhasse o documentário surgiu durante uma das aulas da disciplina Técnica de Produção Jornalística em Hipermídia, praticamente junto ao projeto de realização do filme. Uma vez que o objeto de estudo, o cantor Serginho do Rock, fazia canções que retratavam a cidade, surgiu a proposta de criar, a partir de suas obras, um mapa afetivo de Leopoldina.

A principal inspiração para essa proposta veio de um projeto desenvolvido por uma das turmas da pós-graduação em Jornalismo Digital da Escola Superior de Propaganda e Marketing, a ESPM. O site “Adoniran esteve aqui” reuniu histórias sobre o cantor, compositor, humorista e ator Adoniran Barbosa, suas músicas e os lugares que o inspiravam na grande São Paulo. Segundo seus idealizadores, seria “um site capaz de reunir os pontos geográficos que inspiraram as músicas do artista, estabelecimentos frequentados por ele, pontos relacionados a sua biografia e ainda intervenções urbanas ou espaços públicos e privados que o homenageiam.” O projeto buscou, inclusive, financiamento coletivo, mas não alcançou a meta. Atualmente, no endereço <http://www.adoniranestevaqui.com.br/>, ainda é possível ver parte do material recolhido pelo projeto. O mapa, no entanto, não está mais disponível.

A proposta do mapa acabou se tornando secundária e decidiu-se que o site funcionaria como uma extensão do documentário. Nele o usuário poderia encontrar a biografia do artista, a história do grupo criado por ele (o Girassol Maravilhoso), versões estendidas dos depoimentos que integram o filme, fotos antigas, músicas e também o próprio mapa idealizado no início do projeto. Assim, site e documentário não só se complementariam, como também poderiam proporcionar a quem interagisse com ambos os produtos ou com apenas um deles, experiências diferentes que, ao final, conformam distintas narrativas sobre um mesmo tema inicial. O site pode ser acessado pelo link: <http://serjackdoc.com>.

Como a intenção era que a navegação pelo site fosse não-linear para que o usuário pudesse criar sua própria trajetória na história de Serginho do Rock, outros projetos online também foram usados como inspiração para a criação da página. Um deles foi o “Out my Window”, um webdocumentário sobre as experiências de pessoas que vivem em prédios de grandes centros ao redor do mundo. O projeto interativo combina som e imagem, e permite que

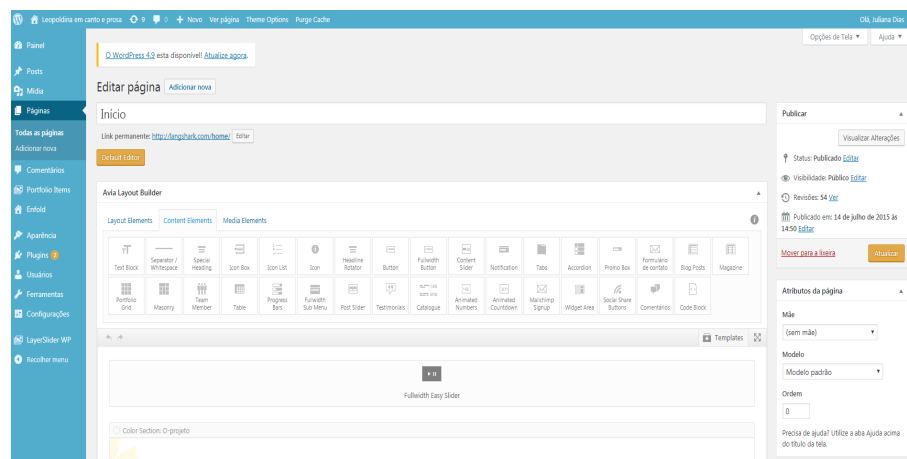
o usuário explore 360° do ambiente. Ele pode ser acessado pelo link <http://outmywindow.nfb.ca/#/outmywindow>. Outra inspiração veio de “Se eu demorar uns meses”, outro webdocumentário baseado nos relatos de presos políticos opositores ao regime militar no Brasil, que ocorreu entre 1964 e 1985. O projeto da produtora Doctela pode ser acessado em <http://doctela.com.br/sedumudes/>.

#### 4.4.2.2 Construção

A página foi desenvolvida em Wordpress, uma das plataformas mais utilizadas em todo o mundo para criação de blogs e sites, que está em atividade desde 2003. A escolha se deu pela familiaridade prévia com a plataforma e porque os recursos disponibilizados atendiam melhor as propostas do projeto. Além disso, a dupla contou com a ajuda externa de um programador que forneceu, gratuitamente, o servidor para que o site fosse hospedado e auxiliou na resolução de problemas durante o desenvolvimento do produto.

Para começar, foi escolhido o tema que melhor se adaptaria às necessidades do site, como suporte para áudio, vídeo, imagem, e que oferecesse um modelo de construção mais intuitivo. O tema escolhido foi o Enfold, que possui um modelo de criação em blocos de conteúdo, o que tornou a construção do site mais simples. A ideia era focar principalmente em um design amigável para o usuário, que fosse simples e intuitivo.

Figura 15 – Painel de desenvolvimento do Wordpress com o tema Enfold



Inicialmente a dupla trabalhou com um domínio que já havia sido adquirido anteriormente pelo programador que ajudou no desenvolvimento do site. Posteriormente, quando o nome do documentário foi finalmente decidido, o domínio serjackdoc.com foi comprado e as devidas mudanças foram efetuadas. Também houve alteração da logomarca do site que passou a figurar como na imagem abaixo:

Figura 16 – Identidade atual do site e documentário



O site foi abastecido com vídeos, fotos, músicas e textos recolhidos durante o período de pré-projeto e também com os produtos das pesquisas e entrevistas realizadas durante a gravação do documentário. Para inserir todos estes elementos, além dos recursos já disponibilizados pelo Wordpress, também foram utilizadas outras plataformas que se adequavam melhor a cada tipo de conteúdo que seria incorporado ao site.

A fim de não sobrecarregar o site, os vídeos foram subidos para o YouTube, plataforma de armazenamento e distribuição digital de vídeos, e incorporados à página de depoimentos. O primeiro e segundo CDs foram disponibilizados via SoundCloud, plataforma online para publicação de músicas, e incorporados a suas respectivas páginas. Ainda foi utilizada uma outra plataforma para publicação digital, o issuu, comumente usado para publicação online de revistas, jornais, catálogos. No issuu estão armazenados os encartes dos dois CDs de Serginho do Rock e suas composições datilografadas, encontradas nos arquivos pessoais da irmã Cidinha. Finalmente, para a construção do mapa afetivo, foi utilizado o StoryMapJS, uma ferramenta gratuita desenvolvida pelo Knight Lab da Universidade Northwestern localizada em Evanston, Illinois, Estados Unidos. A ferramenta permite contar histórias através de pontos marcados em um mapa, com auxílio de texto e imagens.

#### 4.4.2.3 Estrutura do site

O site do projeto é dividido em quatro partes principais em sua página inicial: o vídeo de abertura, o bloco de páginas que compõem o projeto, a seção sobre as desenvolvedoras do Trabalho de Conclusão de Curso e a parte de interação com o público, com disponibilização de e-mail para envio de conteúdo. Além disso, há um menu superior, presente em todas as páginas, onde o usuário pode acessar as abas do site sem ter que retornar sempre à página inicial. No total, o site possui dezenove páginas.

- Vídeo de abertura:



Figura 17 – Vídeo de abertura do site



A intenção é que o vídeo funcione como um trailer do documentário e também como uma introdução ao site em si. É uma compilação de breves depoimentos de cada um dos participantes que se dispuseram a dar seus depoimentos sobre Serginho do Rock. Estes trechos do vídeo não foram incluídos no documentário.

- O projeto:

Figura 18 – Menu principal do projeto com os produtos do trabalho



O bloco com os conteúdos desenvolvidos para o Trabalho de Conclusão de Curso foi dividido em seis partes, cada uma delas dando acesso à uma nova página. Apesar de não estarem necessariamente ligadas entre si, permitindo que o usuário comece a explorar o conteúdo pela página que mais o interessar, a disposição dos conteúdos obedece a uma certa lógica. Na primeira linha estão os conteúdos mais históricos, relativos à história do artista, sua biografia e obra. Na segunda linha, estão os produtos realizados pela dupla de graduandas a partir dos materiais, pesquisas e entrevistas coletados e realizados durante a produção do documentário.



– Biografia

O primeiro item do bloco com os conteúdos do projeto é a biografia de Antônio Sérgio Lima Freire, o Serginho do Rock. Nesta página, margeada por fotos do artista em diversas partes da vida, está a história, em texto corrido, da vida de Serginho do Rock, desde seu nascimento, em 1940, até eventos posteriores à sua morte, em 1995. Sendo documentário e site frutos de uma mesma iniciativa e, ao mesmo tempo obras que funcionam de maneira independente, concluiu-se que, para uma experiência completa do usuário que acesse o site, seria interessante a disponibilização de uma biografia daquele que foi o objeto de estudo deste trabalho.

– Girassol Maravilhoso

Tendo ainda como base a ideia de proporcionar ao usuário uma experiência que abrangesse todos os âmbitos que este trabalho conseguiu explorar sobre a vida de Serginho do Rock, criou-se a página sobre o Girassol Maravilhoso. De layout semelhante à página de biografia, a seção conta, em texto corrido, a história do grupo de amigos de Serginho que decidiu fazer da natureza seu ponto de encontro e como isso se desenrolou em uma grande festa anual, o Nove de Julho.

– Letras e músicas

A página “Letras e Músicas” é uma compilação das canções, escritos, encartes e a releitura da obra de Antônio Sérgio por um grupo de músicos leopoldinenses. Ela foi dividida em quatro partes (Primeiro CD, Segundo CD, Os Beatnicks e Letras) que o usuário pode acessar a partir das imagens dispostas pela página.

- \* CD 1: o primeiro CD, intitulado Girassol Maravilhoso, foi lançado em 1996, pouco depois da morte de Serginho em 1995. Fruto do esforço de amigos e família, o disco reúne as canções mais populares do artista incluindo aquela que viria se tornar música oficial do município: “Mineira Gostosa”. A página é composta pelo encarte do CD, que pode ser folheado através da plataforma issuu, e pelo álbum completo, disponível no SoundCloud.
- \* CD 2: o segundo CD é uma reunião de músicas que homenageiam Leopoldina (Mineira Gostosa também faz parte dele), lugares da região (como a cachoeira Poeira d’água e o distrito de Vista Alegre) e os amigos de Serginho. Intitulado Serginho Rock, o disco foi lançado em 1997 e também é fruto do esforço dos amigos e da família do cantor. A página do segundo CD é estruturada da mesma forma que a página do primeiro.
- \* Os Beatnicks: o grupo de jovens músicos leopoldinenses que se reuniu em 2012 para uma breve homenagem a Serginho do Rock, acabou gravando um CD de 14 músicas, todas do artista conterrâneo, com novos arranjos

e interpretações. Ao clicar na imagem da capa do CD Maktub, o usuário pode conferir as letras das músicas gravadas pelo grupo através do encarte disponibilizado na plataforma issuu. Está disponível também a playlist do disco, no canal do YouTube dos Beatnicks e um link para o site oficial da banda, onde se pode encontrar mais informações sobre o trabalho do grupo, suas músicas, clipes e fotos.

\* Letras: a seção de letras conta com páginas datilografadas - algumas com notações de cifras - pelo próprio Serginho. O material foi coletado entre os arquivos pessoais de Cidinha, irmã do artista. A princípio as letras foram disponibilizadas em formato de galeria de fotos, porém, para uma leitura mais fluida e um manuseio mais intuitivo, optou-se, novamente, pela utilização da plataforma de publicações online issuu.

– Depoimentos:

Esta página reúne os depoimentos que integram o documentário “Serjack.doc - canto de um sujeito ensimesmado”. Aqui eles podem ser vistos separadamente e em versão estendida. Dessa forma, a intenção é proporcionar ao usuário uma experiência ampliada e diferente do que foi visto no filme. São treze depoimentos de familiares, amigos e pessoas diretamente influenciadas pelo artista, cada um contando, desde seu ponto de vista e vivência com Serginho, uma faceta (ou mesma faceta de diversas formas) do cantor. Para não sobrecarregar o site, os vídeos foram armazenados no YouTube, na conta criada para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso.

– Mapa Afetivo:

O mapa com pontos relevantes na história de Serginho do Rock foi o primeiro conteúdo a ser pensado para integrar o documentário à uma experiência hiper-midiática. Ele é composto por fotos e textos explicativos e foi desenvolvido a partir da ferramenta StoryMapsJS, apresentada à dupla durante uma das aulas de Técnica de Produção Jornalística em Hiper-mídia. O mapa começou a ser montado logo depois que todos os depoimentos para o documentário foram coletados. Nele estão listados bares, casas, pontos turísticos e outras localidades que integram a história de Serginho com sua cidade natal, Leopoldina. O mapa foi incorporado ao site através do código HTML disponibilizado pela própria plataforma. Nele o usuário pode navegar pelos pontos marcados ou simplesmente seguir a ordem criada inicialmente, navegando pelas setas.

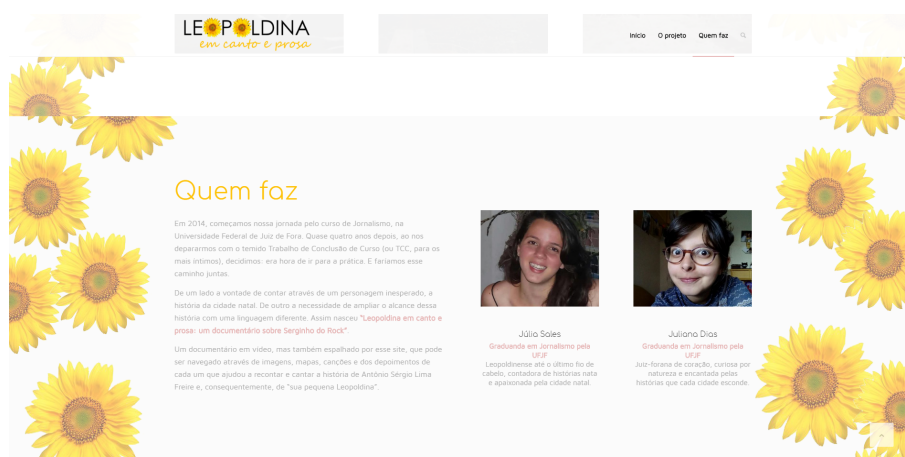
– Galeria:

As galerias são compostas por fotos de arquivos pessoais e gentilmente cedidas por Cidinha (irmã de Serginho) e Clóvis (amigo do cantor). Optou-se por dividir as galerias de acordo com temas e fases do artista. São fotos individuais

de sua infância, juventude e maturidade, dos locais que frequentava (como Vista Alegre e o Brasília Country Clube) e das festas do Nove de Julho. Todas as fotos foram escaneadas e, como algumas já haviam perdido um pouco de sua qualidade, devido ao tempo, foram retocadas com o programa padrão de edição de fotos do Windows, apenas para melhorar cor e contraste. Além disso, cada galeria é acompanhada de uma música de Serginho que se relaciona com o tema das fotos.

- Quem faz:

Figura 19 – Seção com explicações sobre o projeto e as desenvolvedoras



A terceira seção da página inicial traz informações sobre as idealizadoras do projeto e o projeto em si. Há um link para a rede social de cada uma das realizadoras e um breve texto explicando os interesses que levaram as duas a escolher como tema de conclusão do curso de jornalismo a criação de um documentário e site, como forma de possível preservação da memória da cidade e ampliação do alcance da história que decidimos contar.

- Participe do projeto

Figura 20 – Seção de interação com o público



Inicialmente, a ideia era incluir no site uma espécie de rede social que permitisse a quem tivesse interesse se cadastrar para trocar fotos, vídeos histórias e opiniões sobre Serginho do Rock, fazendo com que a própria comunidade fizesse parte da construção do site. A proposta não foi realizada por limitações técnicas e falta de conhecimento especializado que impediram o desenvolvimento de tal rede. Para não abrir mão da interação com o público, na última sessão do blog foi disponibilizado um e-mail para onde podem ser enviados arquivos e depoimentos que, posteriormente, serão acrescentados ao site.

## 5 Considerações Finais

A proposta de retratar em vídeo e armazenar em um site parte da história do compositor leopoldinense Serginho do Rock veio acompanhada da responsabilidade por lidar com algo que mexe com a memória pessoal de um personagem conhecido, mas já falecido, e, também, com a memória coletiva da cidade. O fato de não entrevistarmos todas as pessoas que participaram da vida e da história do músico foi uma das dificuldades que mostra como este projeto é apenas a ponta desse iceberg. Apesar da extensão do trabalho, as possibilidades e recortes possíveis para contar essa história não se esgotam aqui (nem foi essa a intenção da dupla). Sendo fruto de uma construção coletiva, é importante ressaltar que essa história que faz parte da memória de Leopoldina, pode estar em constante mutação e ser sempre ampliada.

Conhecer e visitar a história do Serginho foi, no entanto, um processo muito agradável e estimulante, uma vez que sentimos que todos os participantes se recordam de dias felizes e prazerosos. O próprio fato de alguns entrevistados apresentarem um bloqueio inicial com a nossa proposta em falar do amigo, mostraram como ele está presente nessas pessoas e, mesmo após 22 anos de sua morte, ainda se emocionam ao contar sobre os momentos, em sua grande maioria felizes, que passaram com o compositor.

O ambiente do Nove de Julho, a filosofia do girassol maravilhoso e a própria aproximação desse universo, em si, nos fez refletir sobre um contexto histórico, político e cultural da época e que ainda é muito vivo e presente nos dias atuais. A preocupação de Serginho com o meio ambiente retratada em algumas músicas, sua insatisfação com a política e com os políticos corruptos presentes em sua fala nos discursos da festa do dia da bandeira, principalmente, parecem que foram feitos ontem.

A produção deste projeto foi muito mais trabalhosa e intensa do que o inicialmente imaginado por se tratar de uma história de vida de uma pessoa, que teve muitos amigos e que, ainda hoje, tem muitas músicas e composições ainda desconhecidas tanto pela família quanto pelos amigos. E que, ao mesmo tempo, tem um acervo enorme de fotos, documentos, vídeos e gravações de áudio.

Como jornalistas em formação, ter a oportunidade de trabalhar diretamente com a memória afetiva das pessoas e cruzar as informações obtidas com dados históricos, geográficos e documentos da época proporcionou um aprendizado sem medida. Pudemos vivenciar a realidade de lidar com a responsabilidade de contar histórias e dar voz ao outro, resgatar o que muitas vezes se perdeu no tempo e participar de maneira ativa na sociedade.

Sendo um projeto prático, também é importante destacar o grande aprendizado técnico da dupla, que durante a produção teve que desenvolver novas habilidades referentes à edição de vídeos e criação de sites. Essas ferramentas são de extrema importância para

o profissional da comunicação no atual cenário de convergência midiática em que estamos inseridos.

O documentário e o site não foram produzidos apenas com o objetivo de obter nosso grau de bacharel em Jornalismo, mas também para serem disponibilizados online, para reverberar na cidade de Leopoldina, nas escolas, para que novas gerações conheçam a história desse filho folclórico que tanto cantou a cidade.

Link para assistir ao documentário: <https://youtu.be/cND1vKk8jLs>

Link para acessar o site: <http://serjackdoc.com>

## REFERÊNCIAS

- [1] COUTINHO, Eduardo. O documentário como encontro: entrevista com o cineasta Eduardo Coutinho. In: **Galáxia**, v. 3, n. 6, p. 213-229, 2003. Entrevista concedida a Alexandre Figueirôa, Cláudio Bezerra e Yvana Fechine.
- [2] CRUZ, Graziela. Biografias no cinema: resgate da memória individual e coletiva. **Pensar - Revista Eletrônica da FAJE**, v. 1, n. 1, p 5-15, 2010.
- [3] DA-RIN, Silvio. **Espelho partido: tradição e transformação do documentário**. 3. ed. Rio de Janeiro: Azougue, 2006.
- [4] GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- [5] HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.
- [6] IBGE. **Documentação Territorial do Brasil: Leopoldina - Minas Gerais**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=313840>. Acesso em 20 nov. 2017.
- [7] IENH. **Manual de normas de ABNT**. Disponível em: [www.ienh.com.br](http://www.ienh.com.br). Acesso em 22 nov. 2017
- [8] LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**, 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.
- [9] LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- [10] LÉVY, Pierre. Abrir o espaço semântico em prol da inteligência coletiva. **Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 129-140, jan./jun. 2007.
- [11] LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.
- [12] LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus, 2012.
- [13] MACHADO, Arlindo. Hipermissão: o labirinto como metáfora. in Domingues, Diana (org.), **A Arte no Século XX: A Humanização das Tecnologias**, Editora Unesp, São Paulo, p. 146, 1997.
- [14] NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed. São Paulo: Papyrus, 2012.
- [15] NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. SILVA, Lucilene Nunes. Os desafios para a construção de uma história local – o caso de Leopoldina , Zona da Mata de Minas Gerais. **Revista Polyphinia**, UFG, v. 21, n. 1, p. 229-242, 2010.
- [16] NOGUEIRA, Natania. **Em busca do sentimento de pertencimento: a importância da educação patrimonial para as cidades interioranas. Semana de História Política / Seminário Nacional de História: política, cultura e sociedade (XI: 2016: Rio de Janeiro)**, p. 1869-1881.

- [17] PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de Documentário: Da Pré à Pós Produção**. Campinas: Papyrus, 2009.
- [18] RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- [19] ROCK, Serginho do. **Girassol Maravilhoso**. Gravação independente. Leopoldina, 1996.
- [20] SANTAELLA, Lucia. **Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia**. Bakhtiniana, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 206-216, ago./dez. 2014.
- [21] TOMAIM, Cássio dos Santos. O documentário como chave para nossa memória afetiva. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v.32, n.2, p. 53-69, jul./dez. 2009
- [22] ZANDONADE, Vanessa, FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. Assis, São Paulo: Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis 2003.